

Diário de Lisboa

SEGUNDA-FEIRA

25
NOVEMBRO
1974

Fundador Joaquim Manso

Director A Ruella Ramos Director-adjunto José Cardoso Pires

DIVERGÊNCIAS EM ARGEL

ARGEL, 25 — (Do nosso enviado especial, Fernando Assis Pacheco) — Problemas inesperados nas negociações de Argel, entre as delegações portuguesa e do M.L.S.T.P., parece terem esfriado um pouco o optimismo inicial.

Segundo fontes próximas à delegação portuguesa, o Movimento de Libertação de S. Tomé e Príncipe, chefiado por Miguel Trovoada, quer a transmissão imediata e total de poderes e opõe-se à formação de

uma Assembleia Constituinte após consulta popular.

A delegação portuguesa, tendo à frente o ministro Almeida Santos, mantém-se intransigente nessa consulta popular, até por uma questão de coerência com todo o processo de descolonização.

O regresso a Lisboa da delegação portuguesa foi adiado. Entretanto, hoje, terceiro dia de conversações, o M.L.S.T.P. conta com mais três peritos na sua delegação. Os três peritos encontram-se na sala ao lado onde decorre o diálogo, prontos para qualquer esclarecimento técnico.

Num encontro com jornalistas portugueses, ontem, o dr. Almeida Santos afirmou que «tudo parecia mais fácil pois em S. Tomé e Príncipe havia um único movimento de libertação. Por outro lado, chega até nós mais personalizado e numa posição de força». Sobre a consulta, o ministro português acrescentou: «Quando propomos a eleição de uma Assembleia Constituinte estamos a reconhecer ao povo a sua soberania.»

Miguel Trovoada, por seu turno, declarou, na mesma altura: «Há certos pontos de diver-

gência. Talvez amanhã (hoje) vejamos mais claro.»

Continua a ser de franca cordialidade o ambiente entre as duas delegações que não escondem a esperança de se chegar a um acordo em breve, talvez hoje ou amanhã, sobre o futuro político de São Tomé e Príncipe.

Continua na pág. 2



«O P. A. I. G. C. opõe-se à internacionalização do problema de Cabo Verde.»

PEDRO PIRES AO "DL":

Algumas horas antes de regressar a Cabo Verde, neste fim-de-semana, o comandante Pedro Pires expôs-nos os pontos de vista do P.A.I.G.C. sobre o processo de descolonização do arquipélago e sobre as dificuldades que têm estado a ser opostas à livre afirmação da vontade das suas populações.

Natural de Cabo Verde (família da pequena burguesia) fez o curso dos liceus em S. Vicente, o único liceu do arquipélago. Veio depois para Portugal e matriculou-se na Faculdade de Ciências de Lisboa. Chamado para o serviço militar, foi aspirante miliciano no grupo de defesa anti-aérea de Monsanto. Em 1961 desertou, a fim de se ir reunir a Amílcar Cabral em Conakry. Passou clandestinamente a fronteira com a Espanha, juntamente

CABO VERDE É ESSENCIAL À DEFESA DE ÁFRICA

Entrevista de
CARLOS DE VEIGA
PEREIRA

com quatro dezenas de outros estudantes africanos, na sua maioria angolanos.

A travessia de Espanha fez-se sem novidade. Em Irun, na fronteira com a França, apresentaram passaportes que lhes haviam sido fornecidos por um país africano. Ou porque levantasse suspeitas a ausência de carimbos da entrada em Espanha ou porque as autoridades portuguesas tivessem dado o alarme, foram detidos e transferidos para S. Sebastian. Salazar pediu a sua extradição. Porém, graças à intervenção dos representantes diplomáticos em Madrid dos Estados Unidos e da França (alertados e pressionados pela CIMADE, uma organização francesa de auxílio a refugiados políticos), o Governo espanhol recusou o pedido de extra-

dição português e deixou-os sair para França.

Pedro Pires passou da França à Alemanha, donde seguiu para Ghana, para alcançar finalmente a República da Guiné-Conakry. Nos anos seguintes, a sua actividade como militante do P.A.I.C.G. esteve sempre intimamente ligada à implantação e direcção da luta clandestina em Cabo Verde, o que o obrigou à reali-

zação de numerosas missões secretas. Em 1968 ingressou nas Forças Armadas do P.A.I.G.C. com o posto de comandante. Entretanto, já fora chamado para a direcção do partido.

Reservado e tímido por natureza, a experiência da luta clandestina agudizou nele a prudência e a paciência, a preocupação de nunca dizer

Continua na pág. 9

ROSA COUTINHO EM LISBOA

Chegou esta manhã a Lisboa o almirante Rosa Coutinho, presidente da Junta Governativa de Angola, que vem participar dos trabalhos da Comissão Nacional de Descolonização. Prevê-se que na agenda da reunião seja tratada a hipótese de nomeação de um alto comissário para Angola, a qual estaria ligada à constituição de um Governo de transição, em que entrariam representantes dos diversos movimentos emancipalistas.

Recorde-se que o ministro Melo Antunes se encontrou recentemente em Argel com o dr. Agostinho Neto, presidente do M. P. L. A. com quem travou conversações sobre o processo de descolonização angolana.

Entretanto, segundo notícias de Luanda, admite-se que o referido Governo de transição possa entrar em actividade dentro de três semanas.

SABOTAGEM
ECONÓMICA

Em Luanda, o secretário de

Estado da Economia de Angola, dr. Campelo de Sousa, denunciou diversas manobras, nomeadamente no sector dos transportes, tendentes a paralisar a economia do país. Essas manobras, que visam também sabotar o processo de descolonização em curso, foram consideradas reacções por aquele membro da Junta, que prometeu medidas de excepção caso fossem necessárias, nomeadamente para impedir tentativas de «lock-out».

A este propósito, o Sindicato dos Bancários de Lisboa enviou telegramas ao mesmo Sindicato de Angola e ao almirante Rosa Coutinho, expressando a sua solidariedade para com as medidas tomadas conducentes a travar as manobras económicas reacções e recusando soluções neocolonialistas para Angola, contrárias aos interesses do povo português e do povo angolano.

2.ª EDIÇÃO

A Etiópia sem chefe de Estado

Aguarda-se a todo o momento a nomeação de novo chefe de Estado para substituir o general Aman Andom, fuzilado no sábado passado, juntamente com 60 antigos funcionários governamentais, oficiais das Forças Armadas e um neto do ex-imperador Hailé Selassié. O Supremo Conselho Militar, que governa o país, anunciou pela Rádio que o nome do sucessor de Andom será revelado muito em breve. Pensa-se que uma das razões por que Andom foi executado terá sido a política por ele seguida em relação aos secessionistas da Eritreia, política considerada demasiado «branda» pelos seus adversários. (Ler desenvolvimento na página 14).

CONGRESSO DO P.P.D.

Com a presença de 994 delegados, decorreu no fim-de-semana o I Congresso do P. P. D. As sessões de trabalho realizaram-se à porta fechada, mas a de encerramento foi aberta, tendo estado presentes membros do Governo, entre os quais o ministro do Trabalho e representantes dos Partidos Comunista e Socialista. Como se esperava, Sá Carneiro foi confirmado no cargo de secretário-geral.

Por outro lado, os congressistas aprovaram por aclamação o pedido de inscrição do P. P. D. na Internacional Socialista. (Ler na pág. 8).

